

Do real ao virtual: o desafio do anúncio profético nas estradas digitais

From the Real to the Virtual: The Challenge of Prophetic Proclamation on Digital Highways

Alzirinha Rocha de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Resumo

As formas de anúncio do Evangelho se transformam de acordo com as épocas da história. Neste artigo, buscamos recuperar e levantar questões de continuidade do exercício da profecia, desde as transformações na atuação de profetas dos campos da concretude ao contraste com o tempo presente, permeado pela tecnologia e pelos novos meios de comunicação virtual, que vêm ressignificando a forma de estarmos e nos comunicarmos na atualidade. A pergunta-chave sobre a qual queremos refletir é: há possibilidade de realização de um anúncio profético nas mídias digitais? Para tanto, estruturamos o texto em três partes: a primeira trata dos elementos teológicos que constituem a profecia, a segunda faz referências aos profetas da atualidade, e a última compreende os elementos que compõem a comunicação nas mídias digitais e suas possibilidades para a profecia.

Palavras-chave

Profecia.
Evangelho.
Pobres.
Mídias Sociais.
Contemporaneidade.

Abstract

The forms of proclaiming the gospel change according to the times in history. In this article, we aim to recover and raise questions of continuity for the exercise of prophecy, based on the transformations in the actions of prophets from the fields of concreteness to the contrast with the present time, permeated by technology and the new means of virtual communication that have been redefining the way we are and communicate today. The key question we want to reflect on is: Is it possible to carry out a prophetic proclamation in digital media? To this goal, we have structured the text into three parts. The first deals with the theological elements that constitute prophecy. The second refers to contemporary prophets, and the last part encompasses the elements that compose communication in digital media and its possibilities for prophecy.

Keywords

Prophecy.
Gospel.
Poor.
Social Media.
Contemporaneity.

Introdução

As redes virtuais e as mídias digitais vêm se impondo cada vez mais como espaços e ambientes de comunicação do cristianismo. Na atualidade,

esses espaços tornam-se verdadeiros ambientes de missão e evangelização. Em uma análise recente realizada sobre os elementos que vinculam teologia e comunicação, notadamente pela obra *Evangelizadores digitais católicos: efeitos e perspectivas* (Medeiros et al., 2024), dois deles merecem destaque.

O primeiro faz referência ao fenômeno que já está posto. Em outras palavras, as redes são, hoje, com todos os limites e possibilidades, utilizadas como canal de anúncio do Evangelho. O segundo trata da forma extremamente subjetiva como agem aqueles/as que se dispõem a fazer esse trabalho nas redes digitais, sobretudo em relação aos elementos-chave que devem ser considerados ao longo do desenvolvimento de processos de evangelização, a saber: tradição que suporta a evolução da Igreja e de seu pensamento, a Sagrada Escritura relida em *Ekklesia* e o magistério em seu trabalho de auxílio e orientação. Finalmente, há um terceiro aspecto decorrente dos dois anteriores: a permissão que esse espaço virtual dá para separar o Evangelho da realidade histórica. Sobrepondo-se à realidade e apelando para a perspectiva sentimentalista e individualista da fé, homens e mulheres se colocam única e exclusivamente como comunicadores digitais, o que os diferencia fortemente dos evangelizadores digitais.

À luz de tais elementos, temos por objetivo, neste texto, pensar um aspecto específico do processo evangelizador: a característica da profecia. Para tanto, colocamos as seguintes questões: é possível anunciar o Evangelho nas redes sociais em chave profética? Os elementos que determinam a profecia são passíveis de desvelamento na linguagem das redes sociais?

Para responder a esta reflexão, apresentaremos primeiramente os elementos próprios que caracterizam a profecia à luz do pensamento de José Comblin; na sequência, analisaremos os elementos da linguagem utilizados no mundo digital e, finalmente, apresentaremos um exemplo de utilização das redes de forma profética.

Profetismo em Comblin

Do mesmo modo que em termos filosóficos, na Teologia, a caminhada e a compreensão do profetismo, bem como aquilo que o compõe, não foram lineares. Não pretendemos aqui dissertar com detalhes sobre toda a sua

trajetória, mas propor elementos essenciais que tragam à luz a compreensão dela. O Concílio Vaticano reabilitou os carismas, dentre os quais o profetismo. Em sua reflexão, o Espírito Santo age na Igreja a partir de duas vertentes: o magistério e os carismas. Ora, durante muitos séculos, não se falou em profetismo na Igreja porque o papel da ação do Espírito ficou restrito à hierarquia e ao seu trabalho de condução do Povo de Deus. Por isso, foi essencial o regaste do Espírito Santo com ação universal, realizado pelo Concílio e ampliado aos carismas (LG, 4).

Mesmo se que o Concílio não explique o papel da profecia, confundindo-o com o do magistério (LG, 25) e revelando um significado muito distante do bíblico, ele cita nessa mesma constituição (LG, 31) a missão profética dos leigos, referindo-se ao papel de seu testemunho no mundo. Permanece distante do sentido bíblico, uma vez que reduz esse profetismo ao ato de ensinar, como reforçado em *Apostolicam actuositatem* (AA). Da mesma forma, mesmo sem citar a palavra profecia, *Unitatis redintegratio* (UR) chama a atenção para a necessidade da crítica profética da Igreja por parte dos que estão dentro e fora dela (UR, 4), e para a necessária reforma contínua da Igreja justamente porque ela é constituída por pessoas (UR, 6).

José Comblin, em seu estudo sobre a profecia (Comblin, 2009), ressalta que, entre todos os apóstolos, Paulo destaca a profecia como o que há de mais útil para a Igreja. O Espírito orienta a sua Igreja também pelos profetas, e é essa a afirmação do Vaticano II, que abre uma etapa absolutamente nova para o futuro eclesial (Comblin, 2009). Nesse sentido, não está entre as tantas preocupações do profeta brigar por lugar na hierarquia ou eliminá-la. Sua preocupação maior está, antes, em reconhecer na realidade a compreensão de cada momento, já que a revelação não mostra como o Evangelho deve ser vivido em cada período da história. Trata-se de algo a ser descoberto, e é o Espírito que mostra o caminho por diversos meios, inclusive através dos profetas. Não sem razão, o Credo afirmará “o Espírito que falou pelos profetas”, e não o Espírito que foi dado aos que pertencem à hierarquia.

Por isso, para Comblin (2009), o papel do profeta não consiste em enunciar ou explicar a doutrina revelada, mas está em descobrir e dizer como

se aplica essa revelação a determinada situação, lugar e tempo. Ele é dotado de sensibilidade para perceber o que está acontecendo e “perscrutar os sinais dos tempos”, identificando onde está o pecado e por onde pode vir a salvação. A ordenação em qualquer grau não confere essa sensibilidade. Esse dom não é adquirido, desenvolvido ou até mesmo permanente. O carisma é dado pelo Espírito para o tempo determinado por ele.

Profecia e profeta revelam características próprias vindas do Espírito. Se a primeira se dá pela continuidade da história fazendo referências aos seus acontecimentos, o segundo se dá para toda a vida, isto é, permanentemente. Nesse sentido, sendo histórica e permanente, a profecia não é opcional, não é puro discurso nem desistência fácil. Ela se constitui em ação pública e de visibilidade, em política pública, e, por isso, o mais importante está no fato de que o profeta não fala apenas por palavras, mas com toda a sua vida. Ser profeta por inteiro dá credibilidade à profecia.

Para a segunda característica, Comblin (2009) mostra que o profeta se dirige ao povo e lhe presta um serviço. Ele não está preso às estruturas eclesiais ou políticas e, ainda que eventualmente pertença a elas, não as exclui de seu reconhecimento positivo ou negativo. Por isso, denuncia a corrupção, seja do Povo de Deus, seja das instituições. Colocando-se frente aos dois, arrisca-se a despertar a ira de ambos, razão pela qual a terceira característica é o risco da perseguição, do maltrato que pode sofrer, por vezes de forma intensa, o que pode levar à própria morte. Por conseguinte, o profeta vive em permanente insegurança, pois não sabe o que vai acontecer, e a experiência de seus predecessores apresenta invariavelmente os riscos de sua missão. Anunciar a fidelidade de Deus a seu povo e a exigência de reciprocidade a essa fidelidade é também sinal de fortalecimento da minoria, que se mantém fiel a Deus e a si mesma.

Comblin (2009) destaca ainda que, ao longo da história da profecia e das diversas perspectivas eclesiológicas, foram revelados dois tipos de profetas: o verdadeiro e o falso, e as características a seguir ajudam a identificá-los. A história da profecia é influenciada por contextos eclesiológicos, e cada época revela essas diferenças. Contudo, o primeiro

critério se dá pelo parâmetro da proximidade com o real significado da profecia nos textos bíblicos. O Antigo Testamento revela, em toda a sua história, que os profetas de Israel sempre foram a principal referência e constituíram o modelo do profetismo. Destaca Comblin (2009) que, na teologia católica pós-tridentina, a compreensão dos profetas do Antigo Testamento perdeu efetivamente espaço na reflexão original e foi sendo distorcida pela afirmação de realização de milagres e sinais, que passou a ser o parâmetro para a identificação de profetas, sendo enfim postos na função do anúncio da chegada do Messias. Para Comblin (2009), a apologética tridentina influenciou e reduziu o papel dos profetas a sinais e previsões, sem relações concretas com a realidade de seu tempo.

Ora, os estudos exegéticos, baseados no método histórico-crítico, permitiram o redescobrimiento do sentido da profecia, em especial na América Latina, notadamente pelos teólogos vinculados a Teologia Latino-americana da Libertação, que vinculam a profecia ao exercício do seguimento (Bombonato, 2007). Associada à mudança do modo de presença da Igreja no continente, a profecia assumiu seu real valor na teologia latino-americana. Resgataram-se as relações entre os profetas do Antigo Testamento e a nova atividade local da Igreja. Com efeito, constata-se que isso não quer dizer que toda a Igreja latino-americana tenha assumido essa perspectiva, porém não se pode negar que os profetas foram lidos e comentados nas CEBs, pois davam apoio às atividades públicas das comunidades. Essa mesma leitura teve como consequência direta no fazer da TdLib, o alargamento da compreensão da historicidade de Jesus, ressaltando sua visão profética destacando sua atividade histórica e pública em meio ao povo.

Contudo, destaca Comblin (2009) que o “evento Jesus” não elimina nem substitui a importância dos profetas do Antigo Testamento; pelo contrário, ilumina-os e desvela suas mensagens, bem como sua imagem. No Novo Testamento, seguramente, Jesus aparece como profeta: realiza gestos e muitas de suas palavras somente se compreendem dentro da lógica da profecia. É isso que Comblin (2009) constata, que é Jesus quem nos permite salientar o valor permanente dos profetas do Antigo Testamento.

A diversidade dos ministérios

O livro dos Atos dos Apóstolos demonstra que nas primeiras comunidades havia uma clara diversidade dos ministérios. Além de presbíteros, diáconos e bispos, apresentam-se também os profetas. Isso nos autoriza a questionar e reforçar a compreensão da liberdade de ação do Espírito de Deus. Contudo, isso também nos faz questionar a estrutura vertical na qual a Igreja se configurou, que eventualmente parece sobrepor a ação do Espírito Santo. Poderíamos, por exemplo, nos perguntar, em relação ao mundo da tecnologia, aqueles/as que se arrogam o papel de “profetas digitais” não são nomeados nem recebem seu poder de uma hierarquia instituída?

À medida que a Igreja se integrou à estrutura romana, os profetas oficialmente desapareceram. Nessa integração, preservou-se a classe do clero, dedicada à religião, ao culto e às normas. O clero assumiu nessa estrutura o papel de sagrado, como dono de gestos e palavras, isolando-se cada vez mais do Povo de Deus. Segundo Comblin (2009, p. 17), “com o tempo, uma casta se renova por cooptação, sem nenhuma intervenção do povo”, e com a licença do acréscimo – para o povo. A relação de dependência com o Império pagou o alto preço da perda da profecia.

O desaparecimento da ordem dos profetas permitiu o aparecimento de personalidades que, mesmo sem o título, reassumiram de fato o papel deles. No século IV, houve bispos como São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno, São Basílio e Santo Ambrósio, que tiveram atuação semelhante à dos profetas enquanto defensores da justiça e dos pobres, enfrentando autoridades e as classes dirigentes do Império. Posteriormente, podemos citar Francisco de Assis e Domingos de Gusmão. A partir da contestação do modelo eclesial vigente, sobretudo da riqueza do clero, ambos chamam a Igreja a voltar à realidade e ao cuidado com o destinatário central do evangelho: o pobre.

Comblin (2009) destaca que, aliado a esses, em certo sentido, aparecem também os reformadores. Não se pode negar que a Reforma teve como um dos primeiros impulsos a contestação da riqueza, vista como fonte

de todos os vícios e corrupções na Igreja. Perguntamo-nos se precisariam ter deixado a Igreja-Mãe. Não podemos responder, mas também não podemos negar a legitimidade de suas denúncias. No contexto católico, o endurecimento por parte de João XXII (1316-1334) e a condenação dos Franciscanos Espirituais agrava a perseguição aos movimentos de pobreza, tendo esse termo sido eliminado da hierarquia. Após Trento, durante mais de 300 anos, deixou de existir na Igreja a preocupação com a justiça e os pobres. Segundo ainda Comblin, a colonização da América Latina ainda registra indícios dessa compreensão, da ausência, em princípio, do cuidado prioritário com os pobres. Mesmo que chegassem aqui missionários franciscanos e dominicanos, e os primeiros chegaram antes de Trento, a Igreja encontrou-se durante 250 anos na dependência das monarquias, que a reduziram às funções de legitimar a dominação colonial e criar uma cultura nova, centrada no ambiente tridentino, destinada a esmagar as culturas dos povos colonizados.

Contudo, ao longo do tempo, houve missionários que souberam elevar a voz em favor desses povos. Foram poucos em relação à quantidade dos que chegaram ao continente, é verdade, mas seus gestos iluminaram posteriormente o pensamento da Igreja da Libertação de Medellín. Foram eles – Bartolomeu de las Casas, Antonio de Montesinos, Vasco de Quiroga, Juan de Zumárraga e o primeiro bispo-mártir Antonio Valdivieso (PB, 8) – que lutaram contra a cobiça e a violência dos conquistadores.

No dinamismo da história, a Igreja não entendeu a mudança de contexto que se iniciou no século XIX com o nascimento da indústria e a formação de um proletariado dominado em situação de quase-escravidão (Comblin, 2009). Ela estava demasiadamente preocupada em não perder os privilégios diante do risco da ruptura entre Igreja e Estado, assim como em manter a igualdade de um único modelo de Igreja pelo mundo. Segundo sua perspectiva, as esmolas resolviam a questão dos pobres. Aqueles/as que elevaram a voz “profética” nesse período foram quase todos condenados pela Igreja, a exemplo de leigos como Frederico Ozanam e de alguns da hierarquia como o padre belga Daens, que acabou excomungado pelo bispo de Gante (Bélgica).

Na América Latina, a industrialização, em relação à Europa, começou mais tarde, e neste processo também a Igreja chegou atrasada. No contexto da Igreja universal, que refletiu na América Latina, Pio X fez aliança com a burguesia de seu tempo contra o mundo socialista; cria a Democracia Cristã, alimentada pela Ação Católica do tipo franco-belga, ou seja, a Ação Católica especializada, alimentada pelo método de trabalho de Joseph Cardijn. Após a Segunda Guerra Mundial, alguns católicos quiseram mais que a Ação Católica. Contudo, Pio XII tornou impossível qualquer transformação da Igreja, e sua herança tornou quase impossíveis a recepção e o alcance das reformas propostas no Vaticano II (O'malley, 2008).

Porém, como os carismas e o dinamismo da Igreja são de impulsionados pelo Espírito e não são unicamente humanos, ele agiu novamente às vésperas e durante o Concílio suscitando, suscitando novos olhares sobre a realidade. Houve vozes verdadeiramente proféticas, como Henri Godin e Yvan Daniel, que publicaram *La France, pays de mission?* Houve também teólogos com vocação profética que fizeram o Concílio, como Yves Congar, Marie-Dominique Chenu, entre outros que, condenados por Pio XII, foram resgatados por João XXIII, que, por sua vez, também foi um profeta (O'malley, 2008).

Ainda que o Vaticano II não possa ser considerado um Concílio profético em função da tensionalidade das correntes que nele foram estabelecidas, nele se manifestaram outras vozes, como a do cardeal Lercaro de Bolonha, que fez apelos brilhantes em favor dos pobres. Isso levou à constituição do *Grupo da Igreja dos Pobres*, capitaneado por D. Hélder, D. Ancel (França) e D. Himmer (Bélgica), que teve como gesto mais significativo o *Pacto das Catacumbas*, assinado por bispos que desejavam assumir o compromisso com uma nova forma de ser Igreja (Sauvage, 2017).

Contudo, um fato é determinante: os verdadeiros profetas referem-se sempre aos pobres e à convivência com que a Igreja se coloca a favor dos poderosos. Esse é o parâmetro determinante para distinguir o verdadeiro do falso profeta. Não há profetismo numa Igreja acuada pelo poder ou associada a ele. Nesse caso, o que há é traição à prática de Jesus e ao humanismo de Deus.

Ao contrário de todos os humanistas (filosóficos gregos e teólogos escolásticos), Deus mesmo nos dá sua definição e a nós, somente nos resta submetermo-nos a seu critério humanista: *os pobres*. Os textos mostram que os pobres, os que buscam João Batista e, depois, Jesus, são os que estão à parte da sociedade por diversos motivos, incluindo o econômico (Comblin, 1974). É o clamor deles que Deus ouve desde o Antigo Testamento e é a eles que, no Novo Testamento, Jesus se dirige prioritariamente. A partir do humanismo de Deus, pode-se afirmar que o Evangelho cristão é uma boa nova para os seres humanos em situação específica: aqueles que estão em situação de escravidão, de menosprezo, fora da sociedade. Afirma Comblin: “Ora, o horror da escravidão não gera a liberdade. A liberdade é uma aspiração nova na humanidade” (Comblin, 1998, p. 21).

Jesus se dirige a eles não somente porque têm pouco, mas é justamente o fato de terem pouco que os torna abertos à sua mensagem. O pouco ou nada que têm permite ver no Nazareno o que muitos outros personagens bíblicos — a exemplo de Nicodemos, um Doutor da Lei — não conseguiram ver: uma nova forma de vida e de relações fraternas. Enxergar o projeto de Jesus exige mudar o olhar, tirar as capas de proteção cultural e religiosa para enxergar o outro, prioritariamente o que está à parte da sociedade.

Ora, se Deus e Jesus o fazem, por que deixamos nós de fazê-lo? A modernidade matou a profecia ou ela nunca foi tão necessária e nós a deixamos de lado? Não nos faltaram, no século XX, homens e mulheres que, impulsionados pelo Espírito Santo, souberam se valer de sua voz profética. Foi uma geração de bispos que surgiu na América Latina, na segunda metade do século XX, que acabou por formar, sem nenhuma intenção, o que Comblin denominou “Os Santos Padres latino-americanos” (Comblin, 2009, p. 203), sendo os principais D. Oscar Romero (El Salvador); os jesuítas assinados na UCA, dentre eles Ignacio Ellacuría (Espanha); D. Enrique Angelelli (Argentina); D. Juan Gerardi (Guatemala); D. Carlos Horacio Ponce de León (Argentina); os nossos D. Hélder Câmara, D. Paulo Evaristo Arns e D. Luciano Mendes de Almeida; D. Leonidas Proaño (Equador); Sergio Méndez Arceo (México); Manuel Larraín (Chile), e Alberto Hurtado, S. J. (Chile). Entre os leigos, temos

Clotario Blest (Chile), Adolfo Pérez Esquivel (Argentina) e Rigoberta Menchú (Guatemala). Muitos outros poderiam ser citados, mas cada um soube enxergar, a seu tempo e em seu contexto, a necessidade de defesa dos sem-defesa.

Os profetas da atualidade

Um ponto seguro em toda a história da profecia é que os profetas se levantam do meio dos pobres ou se tornam solidários a eles. É a vocação que é profética, e não a situação de origem. A solidariedade, a aproximação e o esforço pela compreensão do contexto, e não a condição de origem, fazem a base da profecia e o exercício do profeta. Aliás, deixar uma condição de origem rica para entregar-se aos pobres é por si só um gesto profético.

Por isso, para Comblin (2009), o desafio encontra-se então em “como” estar no meio dos pobres. É isso que descobre um profeta. Os pobres permanecem em grande número neste mundo e, pelo que vemos, não temos nenhuma perspectiva de solucionar esta questão. Desde o século passado, começaram a ser gerados pela condição econômica – eram os que ficavam fora do processo de modernização e futura globalização da América Latina – e, na sequência, por questões políticas – eram os excluídos da sociedade por condenar sistemas políticos que avalizavam sistemas econômicos. A divisão do mundo em classes não é bem o problema. Porém, a pretensão de dominação de uma classe sobre a outra é o que gera a exclusão. Se existissem classes distintas, mas solidárias, talvez não houvesse excluídos.

Os gestos proféticos se fazem necessários, uma vez que, até hoje, vivemos numa sociedade de pobres sem voz, numa realidade dividida entre pobres e ricos. O continente latino-americano continua constituído por grandes cidades divididas em subcidades que revelam grandes contrastes entre pobreza e riqueza. Os bairros ricos são bem estruturados, ao passo que as periferias, sem nenhuma estrutura ou com poucas e péssimas condições, seguem crescendo, ainda que em menor ritmo do que nos anos 1960, quando de sua constituição. Ainda há a população que insiste em ficar no campo, que continua sem assistência adequada, enquanto grandes latifundiários vivem

ainda de sua exploração com todo o conforto. Em definitivo, evoluímos pouco dos anos 1980 até 2024.

E o papel da Igreja hoje? Ora, se essa Igreja se instala num andar superior da realidade, distanciando-se dela, de onde sairão os profetas? Se a nova configuração eclesiológica, desde o papado de JP II, tendeu a atender primeiro aos que já têm todas as condições, aos movimentos que – fechados em si mesmos – praticam mais as orientações dos fundadores do que o Evangelho de Jesus (Miccoli, 2007) onde seus responsáveis aparentemente dão testemunho de uma vida contrária à dos pobres e apenas os encontram em condições e situações muito especiais, de onde virão efetivamente os profetas? Se a vida deixa de ser celebrada nos cultos e eles se tornam simples referências simbólicas, onde os pobres encontrarão Deus? Será necessário, nesse espaço de Igreja local, repensar, com urgência, o sentido entre Igreja e Evangelho de Jesus?

Se a consciência profética atualmente for limitada, como ficará a profecia no futuro? São muitas as perguntas decorrentes do abandono dos pobres por parte da Igreja. Como afirmará Comblin:

Com efeito, hoje a força da Igreja está concentrada ao redor de dois polos: os movimentos e as paróquias. [...] Os movimentos estão implantados no mundo dos incluídos. Toda sua forma de ser revela a perfeita adaptação à cultura dos incluídos. Por ser emanção da cultura dominante, os movimentos não têm comunicação com o mundo dos excluídos, mesmo que seu discurso multiplique as profissões de boa vontade (Comblin, 2000, p. 12).

Considerando a argumentação de Comblin (2009), o profeta é a voz daqueles que não têm voz, e ela somente pode vir do contato com os pobres. Para ele “o pobre é critério para profecia” (Comblin, 2011). A voz deve dizer o que a realidade demanda, deve anunciar essa realidade, a possibilidade de transformação real pelo Evangelho através de ações conjuntas com os pobres. A voz do profeta deve dar aos pobres a consciência de quem têm condição de reconstruir seus espaços e sua identidade. Afinal, o que Jesus deu aos pobres de seu tempo a não ser uma identidade que lhes permitia seguir de outra

forma? Os pobres, aliás, podem falar por si sós, mas honestamente falando: sozinhos, foram alguma vez escutados?

O anúncio do evangelho no mundo digital

Levando em consideração o pensamento combliniano, podemos nos perguntar: na comunicação do Evangelho nas mídias sociais, onde aparecem os pobres? Como o conteúdo dessas comunicações os considera e os defende? A pergunta chave aqui é: como realizar anúncio profético do Evangelho, tal como compreendido anteriormente o papel dos profetas, no mundo digital?

Se a profecia se liga à defesa dos pobres, sendo eles o critério primordial para sua realização, podemos levantar a questão: o anúncio do evangelho realizado pelas redes digitais, que em geral se desconectam da realidade, como seriam anúncios em chave profética? Aqui se encontra a primeira chave de leitura para o discurso não profético veiculado no espaço digital: a ausência da concretude da história, especialmente quando essa categoria é considerada essencial para o fazer teológico e do anúncio.

Não existe anúncio ou teologia que seja a-histórica. A mensagem do Evangelho é destinada a pessoas que se encontram em diferentes tempos históricos ao longo do tempo, pressupondo distintos contextos, culturas, línguas, formas de viver e visões de mundo que constituem, na linguagem do Papa Francisco, as distintas faces do poliedro (EG, 236). Somente através da compreensão aprofundada da particularidade de cada face dessa imagem geométrica, podemos ter a visão e determinar a forma de comunicação mais adequada.

Falar do Evangelho não é somente falar de uma história passada, mas falar das experiências aí narradas que recontam os distintos encontros de Jesus com seus interlocutores e as distintas experiências de homens e mulheres que, por sua vez, se encontraram com o ressuscitado. Esses encontros, realizados em todos os tempos, acontecem na história. Não há outro espaço de realização que não seja a história, compreendida como a realidade concreta em que as pessoas vivem, estabelecendo relações entre si e com Deus (EN, 19).

À luz desses elementos, a pergunta decorrente é: como não perder o contato com a realidade histórica quando da realização do anúncio do Evangelho no mundo digital?

O ambiente virtual

Segundo a teologia paulina, o objetivo do anúncio do Evangelho, é gerar “homens novos”. Nessa expressão, o apóstolo afirma a possibilidade de, à luz do exercício de sermos cristãos/ãs, seguidores/as da pessoa de Jesus, e estarmos em comunidade, podermos conformar nossa vida à do Mestre de Nazaré, na qual vamos assumindo uma nova forma de presença neste mundo.

Se a experiência do Evangelho nos permite uma nova forma de “sermos” física e concretamente no mundo, hoje em dia o mundo virtual permite à humanidade uma “nova forma de ser” no mundo: concreta, real e não física, que vem nos reconfigurando paulatinamente.

Da profecia de outrora ao mundo digital

Atualmente, para a grande maioria das pessoas, não há como dizer que “nós somos” sem que estejamos conectados a algum instrumento digital. Diante disso, Sbardelotto (2022) afirma que a distinção entre *online* e *offline* se tornou obsoleta. Recorrendo a Floridi (2005, apud Sbardelotto, 2002, p. 232), o autor destaca que atualmente estamos utilizando a expressão *onlife* para descrever “uma realidade hiperconectada que transcende a dicotomia entre estar dentro ou fora das redes”. As novas possibilidades de comunicação redefinem não somente o comportamento humano, mas também o “ser” na expressão mais própria do verbo, a essência de cada um de nós. E precisamos lembrar que esse modo passou a nos afetar mais diretamente há, no máximo, 40 anos. Hoje, temos ao menos duas gerações dos chamados nativos digitais, isto é, aqueles que não se compreenderão mais sem o ambiente da Internet (Sibilia, 2005).

Ora, na mesma proporção da utilização das redes sociais para os diversos temas acima apresentados, encontramos o crescimento e a utilização dessas ferramentas para a divulgação do elemento religioso nas mais diversas expressões. Especificamente no tocante ao ambiente religioso católico, em

nome de um pseudoprocesso de evangelização, destacam-se os IDs de inspiração católica, os sites institucionais e a maciça utilização das redes sociais pelas paróquias através de suas *Pascom*, o que se configura como um fenômeno comunicativo.

Nossa reflexão aqui não se prende à técnica comunicativa, mas à razão teológica pela qual podemos reavaliar a atuação já instaurada e consolidada da Igreja nas redes sociais. Em definitivo, o desafio proposto não é mais das redes para a Igreja, mas da Igreja para as redes, em busca de um caminho que gere um processo de evangelização, e não somente bolhas eclesiais – grupos de pessoas que se fecham em uma única visão, sejam elas individuais, associativas, paroquiais, diocesanas etc. Logo, podemos lançar uma segunda questão de fundo: se a missão primeira da Igreja é evangelizar, ou seja, missionar, anunciar Jesus e sua pessoa ao mundo, qualquer conteúdo religioso exposto nas mídias digitais pode ser considerado evangelização? (Souza, 2024)¹

Processos de evangelização profética nas redes sociais: isso é possível?

A fim de responder a essa pergunta, que é fundamental para o tema dos desafios da Igreja em contexto urbano, nossa análise ocorrerá a partir da compreensão teológica do termo *evangelizar* e dos processos e objetivos advindos dessa ação, associada ao instrumental da Teologia Narrativa.

O significado da palavra *evangelizar* – *ευαγγελίζομαι* (*evangelízomai*) – está relacionado com *boa nova*, referindo-se originalmente ao ato de divulgar a mensagem de Cristo e o conhecimento de sua pessoa por diversos caminhos. Se o Concílio Vaticano II ressalta que a responsabilidade do anúncio do Evangelho e da pessoa de Jesus cabe a todo batizado (AG, 2), posteriormente o papa Paulo VI destacará que essa ação é central para a Igreja: “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 14). Contudo, somente dizer algo sobre Jesus e a Igreja não comporta todo o processo de evangelização. Em sentido estrito do anúncio, espera-se a transformação da realidade pessoal e contextual. Esse efeito posterior é

¹ SOUZA, A. Os desafios da cultura digital para a Igreja em contexto urbano. Conferência proferida no II Congresso Internacional de Pastoral Urbana. Porto Alegre - março 2024. Texto em vias de publicação no livro de conferências do referido evento.

condensado na fala de Jesus, mais precisamente na expressão *Reino de Deus*. Expressado por parábolas e gestos, o Reino de Deus é instaurado na história da pessoa de Jesus e em sua prática, apontando para sua reconfiguração a partir da concretização de novas formas de relações fraternas realizadas no já da história por aqueles e aquelas que entram na dinâmica do viver de Jesus (Theobald, 2011).

Nesse sentido, evangelizar não consiste unicamente em dizer algo sobre o Reino de Deus, mas, sim, num processo que leve os demais, pela compreensão e liberdade de transformação pessoal, a uma nova práxis que expresse a concretização do Reino de Deus na história.

Outro elemento central, para compor a discussão sobre o anúncio do evangelho no mundo digital, faz referência à intencionalidade da utilização das mídias digitais para comunicar-se a partir da premissa da vinculação à Igreja Católica e/ou ao elemento religioso de forma geral. Dizer algo em nome da Igreja, não quer dizer evangelizar. Antes, requer como premissa básica um alinhamento com os elementos basilares de seu discurso, a saber: escritura, tradição e magistério. Acima de suas características próprias, em escopo mais amplo, essa tríade deve ser interpretada em seu conjunto e em conjunto com a comunidade eclesial a partir do reconhecimento das transformações da sociedade e de suas demandas atualizadas no tempo presente, realizando-se a articulação entre doutrina e pastoralidade. Nesse sentido, o anúncio do Evangelho e o que se diz utilizando o nome da Igreja devem ser necessariamente expressados em linha com o conjunto eclesial do tempo presente, isto é, com o magistério atual do Papa Francisco. Isso não quer dizer que não possa haver diversidade do pensamento. Pelo contrário, é da diversidade em busca da convergência que nasce o avanço do pensamento. Contudo, acima das mais diversas *narrativas fragmentadas*, existe desde o princípio no cristianismo uma exigência regular da fé que se vincula ao acontecimento *querigmático* e à explicitação doutrinal ou dogmática da fé que constitui sua transmissão (Theobald, 2011). É tendo por base essas duas premissas teóricas acerca dos processos de evangelização que situamos nossa reflexão (Souza, 2023).

A evangelização profética é adaptável às narrativas fragmentadas?

Queremos propor, de forma mais ampla, a reflexão sobre a fragmentação do pensamento no momento presente. Se a interrogação relativa ao lugar das narrativas nas sociedades atuais constitui uma preocupação da teologia atual, sua forma fragmentada amplia ainda mais a questão quando elas se expressam nas redes digitais. Para avaliarmos a questão, consideramos o instrumental da Teologia Narrativa. Para Théobald (2007, p. 461), essa nova forma de estabelecimento das narrativas representa uma nova racionalidade teológica no contexto da contemporaneidade. Seu diagnóstico aponta para o fato de a Teologia Narrativa ter se tornado “uma forma principal de apresentação da dogmática cristã e da pastoral catequética e litúrgica da Igreja” (Theobald, 2001, p. 5).

Podemos buscar a chave de tais preocupações à luz das transformações das sociedades pós-modernas ou pós-metafísicas, que estabelecem uma diferença diante do que, em filosofia e na teoria da cultura, se condensava nas grandes narrativas fundacionais ou de sentido. É precisamente contra a pretensão de um conhecimento abarcante de toda a realidade que contesta Lyotard (1979), ao referir-se ao fim das grandes narrativas. Para esse autor, o estatuto do saber das coisas na pós-modernidade está em relação direta com o que vai chamar de crise de narrativas. Essa crise nasce de sua compreensão pós-moderna como “o estado da cultura depois das transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do fim do século XIX” (Lyotard, 1979, p. 9). As incidências dessas transformações postulam uma crise entre ciência e narrativa, concedendo à primeira a legitimação do conhecimento e à segunda uma destituição do nível cognitivo. Nesse sentido, o pós-modernismo coincide com uma crise da filosofia metafísica e com as suas pretensões de verdade universal. Afirma o autor:

Simplificando ao extremo, entende-se por pós-moderna a incredulidade em relação às metanarrativas. Este é, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso, por sua vez, a supõe. [...] A função narrativa perde seus atores e seus grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também donativos, prescritivos, descritivos etc.,

cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas dessas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis (Lyotard, 1979, p. 16).

Por sua vez, convergindo com Lyotard, Schlegel (2012) ressalta que a pós-modernidade transporta consigo o poder legitimador de uma pluralidade de formas de compreensão do mundo, que caminha a par de um individualismo crescente. Essa diversidade abre caminho para um pensamento cada vez mais fragmentado e plural. No que diz respeito à narrativa, o pensamento pós-metafísico distancia-se da noção de metanarrativa global e universalizante. Ao criticar a ideia de totalidade, o autor abre espaço para o pequeno, o singular em convívio com uma multiplicidade redacional (Schlegel, 2012).

O mundo fragmentado das redes digitais encontra os pobres?

A pesquisa realizada sobre os IDCats² nos permite afirmar que raramente os pobres são tomados como critério do anúncio nas redes, impossibilitando, portanto, o anúncio de forma profética. A dinâmica das redes digitais permite, e ao mesmo tempo, impõe a necessidade da vinculação com o público. Para ter engajamento, é necessário dizer frequentemente aquilo que o público deseja ouvir e ler. A adequação à linguagem fragmentada, individualizante e subjetivada, dá margem para que cada um crie “bolhas eclesiais e magistérios paralelos”, em que se reúnem pessoas com a mesma linha de interesse pessoal.

Ora, alguns comunicadores do evangelho, não buscam encontrar nenhum outro além de si mesmo. A autorreferencialidade, como base de relação, marca aquele que fala e seu seguidor/ouvinte. Um alimenta a individualidade do outro. Nessa dinâmica, somente há espaço para os iguais, ao passo que os pobres constituem a diferença, uma vez que eles mesmo que tenham acesso as redes, na maioria das vezes, continuam sendo “analógicos”! À medida que permanecem sem voz nesse ambiente, seja por falta de acesso ou em função da alienação causada pelas redes. A dinâmica digital, em geral,

² IDCats - Influenciadores digitais católicos. Neste artigo, tomaremos por base unicamente os IDs que atuam nas redes com a identificação de *católicos*.

é intencionalmente excludente para aqueles/as que se encontram fora da capacidade de consumir seus conteúdos, uma vez que se exige uma negociação entre público x conteúdo x recursos para se manter no espaço digital.

Falar profeticamente nas redes digitais exige conhecer e experienciar a faceta do grande poliedro do mundo onde estão os pobres para expressar-se a partir deles e de suas realidades. A profecia é situada e exige situar-se. Somente dessa forma, pode-se dizer a *palavra veraz* (Foucault, 1987), aquela que deve ser dita no momento em que deve ser dita, com veracidade. No processo de Evangelização, poderíamos dizer aquela que anuncia a pessoa de Jesus e denuncia as situações de indignidade humana nas quais eles se encontram. Sem a experiência, corre-se o risco de falar de um pobre idealizado e ideologizado.

A voz profética dos pobres no espaço digital

Seguramente, há muitas vozes nas mídias digitais que defendem os pobres por conhecimento e experiência. Aqui, à luz do estudo dos IDCat's (Medeiro *et al*, 2024), queríamos destacar a expressão profética nas redes digitais do padre Júlio Lancellotti, mediante a análise dos conteúdos postados em seu Instagram entre janeiro a dezembro de 2021³, além de outras análises e críticas que podem ser feitas ao seu trabalho de acolhimento ao pessoal em situação de rua, realizado na cidade de São Paulo. Apresentaremos abaixo suas principais características.

A primeira faz referência à distinção no manejo de suas redes sociais. Se, por um lado, os IDs profissionais que entram no jogo e nas normas do ambiente digital – trabalhando com equipes especializadas que direcionam o conteúdo para atender a mecânica dos algoritmos – monetizam o canal e terminam se comportando como celebridades produzidas que deixam a comunicação do Evangelho em segundo plano (Primo; Matos; Monteiro, 2021),

³ MEDEIROS, SILVA, SOUZA, SBARDELLOTTO, GOMES. *Influenciadores Digitais Católicos*. Efeitos e perspectivas. São Paulo: Santuário-Paulus, 2024. O estudo detalhado e o método de pesquisa utilizado sobre a presença e atuação do Pe. Júlio nas redes sociais, podem ser encontrados em *Influenciadores digitais católicos: influências e perspectivas*, obra anteriormente citada.

por outro lado, apesar da visibilidade que Júlio Lancellotti ganhou nas redes, sua forma de atuação – livre dos ditames desse ambiente – diz sobre sua intenção de unicamente dar visibilidade à sua causa e aos grupos que também trabalham com a população em situação de rua.

Uma segunda característica é a identificação da coerência entre conteúdo analisado e prática pastoral. De fato, suas redes são utilizadas exclusivamente para dar visibilidade à causa que defende e/ou a temas que a ela se vinculam. Ainda que sua imagem/pessoa seja marcante e determinante para sua causa, não há exposição intencional de sua imagem fora do ambiente de sua causa.

Há uma terceira característica faz referência ao conteúdo *monotemático* de sua rede (sobre os pobres, os grupos excluídos e a PSR). O que a princípio poderia se esgotar em si mesmo faz brotar a visibilidade do trabalho pastoral, a constituição de uma rede de contatos e a influência através das redes, constituindo seu capital social, pastoral e evangelizador. O conteúdo se autossustenta, como é notável quando analisamos sua atuação no Instagram, realizada de forma “amadora” se considerarmos o padrão de outros influenciadores que contam com equipes especializadas. Nesse sentido, há um diferencial claro em relação à sua utilização das redes, que é a intencionalidade primeira de dar voz aos invisíveis da sociedade (Medeiros *et al*, 2024).

A quarta característica desvela a sua força de negociação sociopolítica, entendendo *sociopolítico* a partir da capacidade de diálogo (por vezes ferrenho) com as estruturas e da força com que suscita questões pertinentes à sua causa, demandando soluções aos órgãos públicos nas diversas esferas, soluções essas que são cabíveis a uma política de Estado. Esse elemento é confirmado pelos projetos de lei que tramitam na Câmara de Deputados e no Senado Federal, pelo reconhecimento da sociedade civil através dos inúmeros prêmios e negativamente pelas ameaças recebidas. Nesse caso, é clara a compreensão de que não há como avançar sem realizar diálogo com as estruturas civis e governamentais. A questão essencial para Júlio Lancellotti é

saber que esse diálogo sempre se realiza a partir dos interesses dos pobres, e não dos interesses estabelecidos (Medeiros *et al*, 2024).

Finalmente, destacamos a perspectiva *teológico-ecclesial*, isto é, a maneira como a causa por ele defendida e exposta nas mídias digitais dá visibilidade ao elemento central do Evangelho: o desvelar do Reino de Deus na história, que é o centro e a chave do pensamento de Jesus. Esse Reino não pode ser concretizado sem o resgate da dignidade dos pobres e sem a inclusão daqueles/as que estão à margem do sistema social, econômico e sobretudo religioso. Nesse sentido, é sua prática pastoral que dá testemunho da vivência cristã visibilizada nas redes.

A nosso ver, esta é sua grande colaboração para o sentido comum da fé: lembrar diariamente a cada um de seus seguidores que o cristianismo se constitui dentro de um processo histórico e que somente é possível experienciá-lo nas realidades de homens e mulheres concretos enquanto força transformadora, impulsionada pela ação do Espírito no mundo à luz da prática de Jesus.

Considerações finais

Como pudemos verificar ao longo de nosso texto, o exercício do Evangelho em chave profética se transforma em cada época histórica. No mundo atual, o anúncio está imbricado nas novas tecnologias, em especial nas mídias digitais, que se impõem como meios de comunicação de massa e tendem a reconfigurar dois elementos essenciais dos processos de evangelização: a comunidade e a profecia.

Quanto à profecia, o desafio está primeiramente em como não distorcer o que é seu critério central: os pobres, e como incluí-los enquanto sujeitos nos discursos e nos mecanismos das mídias digitais. Ao final de nosso texto, trouxemos um exemplo à luz da atuação do Padre Júlio Lancelotti, que, apesar dos limites em sua prática, expressa o Evangelho nas redes de forma profética, pois nele mantém a centralidade dos pobres. O que ele nos diz mostra um caminho possível.

Contudo, ainda há muito por descobrir quanto ao estabelecimento de processos de Evangelização no ambiente digital. Trata-se de um caminho

recente para o qual estamos buscando uma linguagem e uma forma adequada que não eliminem sua força de transformação.

Referências

BOMBONATTO, V. Seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino, São Paulo, Paulinas, 2007.

COMBLIN, J. *A maior esperança*, Petrópolis, Vozes, 1974.

COMBLIN, J. Humanité et libération des opprimés. *Revue Concilium* 175 (1982), p. 122-131.

COMBLIN, J. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

COMBLIN, J. A Igreja e o mundo dos excluídos. *Revista Vida Pastoral*, 211 (2000), p. 12.

COMBLIN, J. *A profecia na Igreja*, São Paulo, Paulus, 2009.

COMBLIN, J. O pobre critério para a profecia. *Encontros teológicos*, n. 59, ano 26, n. 2/2011, p. 131-154.

FORTE, B. *A essência do cristianismo*. São Paulo: Vozes, 2003.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LYOTARD, J.-F. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio Editora, 1979.

MICCOLI, G. Le pontificat de Jean-Paul II Un gouvernement contracté. Bruxelles: Lessius, 2007.

O'MALLEY, J. *L'événement Vatican II*. Bélgica: Lessius, 2011.

RICŒUR, P. Les implications éthiques du récit. *In: Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990. p. 193-198.

SCHLEGEL, J.-L. Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites. *Cadernos de teologia pública*, v. 68, IX. São Leopoldo, 2012, p. 10. Disponível em: www.ihu.unsinos.br/publicacoes/mais-publicacoes. Acesso em: 21 mar. 2023.

SBARDELLOTTO, M. Por um humanismo digital integral. In: GUIMARÃES, J. G. M.; SOUZA, R. S. R.; ALVES, C. F.; PENZIM, A. M. B. (org.). *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022, v. 1, p. 231-271.

THÉOBALD, C. La foi du Christ : transmettre l'intransmissible ? In: *Transmettre un Évangile de liberté*. Paris: Bayard Jeunesse, 2007. p. 21-37.

THÉOBALD, C. Vers une nouvelle théorie des sens ? *Revue de recherche religieuse*, abr.-jun. 2011, p. 249-258.

THÉOBALD, C. Les enjeux de la narrativité pour la théologie. In: *Le christianisme comme style : une manière de faire de la théologie en postmodernité*. v. 1. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007, p. 459-481.

THÉOBALD, C. *I racconti di Dio: pensare la Teologia Narrativa*. Roma: EDB, 2001.

MEDEIROS, F.; SOUZA, A.; AMARO, A.; SBARDELLOTTO, M.; BORGES, V. *Evangelizadores digitais católicos: efeitos e perspectivas*. São Paulo: Editora Ideia & Letras; Paulus, 2024.

SOUZA, A. *Os desafios da cultura digital para a Igreja em contexto urbano*. Conferência proferida no II Congresso Internacional de Pastoral Urbana. Porto Alegre - mar. 2024. Texto em vias de publicação no livro de conferências do referido evento.

SOUZA, A. A fragmentação do pensamento e o sucesso da “Evangelização” nas redes sociais: contribuições da Teologia Narrativa para o fenômeno do religioso nas redes sociais. *Revista de cultura teológica*, ano XXXI - n. 106, set.-dez. 2023, p. 164-184.

Trabalho submetido em 05/09/2024.

Aceito em 27/11/2024.

Alzirinha Rocha de Souza

Leiga, doutora em Teologia pela *Université catholique de Louvain* (Bélgica), mestra em Teologia pela *Universidad San Dámaso* (Madri, Espanha) e graduada em Teologia pela PUC-SP; coordenadora do Observatório Eclesial Brasil e membro da Sociedade Internacional de Teologia Prática. Atualmente, é professora e pesquisadora da PUC-Minas e do ITESP-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4512-8847>. E-mail: alzirinharsouza@gmail.com